



Arthur R. da Rocha

Lith. de J. Alves Leite

JOSÉ

DRAMA EM 1 PRÓLOGO E 3 ACTOS

POR

ARTHUR ROCHA.

Representado pela primeira vez no theatro S. Pedro, na
noite de 15 de Agosto de 1878, em espectáculo de inau-
guração do *Gymnasio Dramatico*.

João da Silva



PORTO ALEGRE.
TYPOGRAPHIA DA DEUTSCHE ZEITUNG.

1879.

Personagens.

Do prólogo:

José.
Alfredo de Magalhães.
Luiz da Cunha.
Clara.

(A acção passa-se na Bahia.)

Dos actos:

José, jornalista.
Arnaldo de Mattos.
Luiz da Cunha.
Carlos, seu filho.
Silveira
Salustiano } rapazes.
Amaral
Angela, afilhada de José.
Criados, convidades etc.

(A acção passa-se no Rio de Janeiro, 19 annos depois da do prólogo.)

João Moreira da Silva

Prólogo.

O theatro representa um compartimento denotando extrema pobreza. Ao levantar o panno — é noute. Clara trabalha em costura, á direita, á luz de uma vela, tendo junto de si um berço, que balança, entoando baixinho o canto vulgarissimo com que se adormece as crianças. Depois de curta pausa, batem á porta do fundo.

Scena 1ª

CLARA e JOSÉ.

CLARA.

Quem bate?

JOSÉ.

(Fôra). — Sou eu, D. Clara.

CLARA.

Eu... eu quem?

JOSÉ.

(Idem). — Eu... o José; abra sem susto.

CLARA.

(Levantando-se). — Ah! és tu? Espera um pouco. (Cobre o filhinho no berço e vae abrir a porta). Desconheci-te a voz....

JOSÉ.

Podéra.... pois se eu venho rouco. Acha pouco apanhar chuva desde a caza até aqui? Olhe que chove a cantaros, D. Clara!....

CLARA.

E para que viéste, José? Deste modo não te posso ser grata; zango-me com certeza.

JOSÉ.

Era o que faltava. Pois eu posso lá passar um dia sem ver a menina e sua filha? Nunca, chovessem embora raios. Já estou acostumado aos aguaceiros, não os extranho. E depois tinha aqui que fazer e não podia de fórma alguma deixar de vir.

CLARA.

Essa tua dedicação, José, é, por assim dizer, o unico arrimo que eu e aquelle anjo (indicando o berço) temos na

triste vida que levamos. Não sei que seria de nós se nos faltasses. E, entretanto, vejo-te n'esse estado e não tenho nada que possa offerecer-te, nada absolutamente....

JOSÉ.

(*Interrompendo-a.*) — Qual offerecer!... O José de nada precisa, senão da sua amizade e dos sorrisos d'aquella innocente. (*Pauza.*) Sabe?

CLARA.

O que?

JOSÉ.

Venho de casa d'elle. O diabo não é tão feio como o pintão. Cá lhe trago uns prezetinhos para o pequeno e alguma couza para a senhora.

CLARA.

Como?.... Pois Alfredo?....

JOSÉ.

Sim, senhora.... O Sr. Alfredo não a esqueceo, nem tão pouco a sua filhinha.

CLARA.

Então porque me não apparece ha oito dias?

JOSÉ.

Ora.... por um motivo muito simples. Está... está.... doente.

CLARA.

Tu me enganas, José!

JOSÉ.

Eu, enganar-a?! Não, senhora; fui hoje á sua caza, contei-lhe o estado em que a senhora se acha, e então mandou elle comprar esta roupinha para a filha, dizendo: O inverno está á porta, é preciso preservá-la do seu furor e prepará-la para o receber convenientemente. Dêo-me mais este dinheiro para que lh'o entregasse. (*Vae á meza collocar todos os objectos.*) Manda tambem dizer-lhe que lhe mandará, de vez em quando, alguma cousa que puder economisar de suas despezas obrigatorias.

CLARA.

(*Chorando.*) — Bom Alfredo! Bem me parecia impossivel que tivesse esquecido sua pobre filha. Obrigada, obrigada, José!

JOSÉ.

Não tem que agradecer-me. (*A' parte.*) Pobre se nhora!... Como é facil enganar um coração que ama!

CLARA.

Graças, meu Deus, que ainda nos não esqueceo. (*Rápida.*) Mas, dize-me: o que tem elle?... é couza de cuidado?

JOSÉ.

Sim... não... de algum... algum tempo de convalescença; o Sr. Alfredo está muito fraco.

CLARA.

Pobre Alfredo!... Se eu pudesse ir vê-lo...

JOSÉ.

Que loucura! Não sabe que o pae seria capaz de matá-la se por ventura a visse?

CLARA.

E' verdade. Em compensação, Alfredo virá ver ao menos sua filhinha, apenas o puder, não é assim?....

JOSÉ.

Pelo menos, foi isso o que me assegurou. Mas é de supôr que o não possa fazer por estes quinze dias.

CLARA.

Céos! Então a sua molestia é assim tão melindrosa?

JOSÉ.

Não, Srna., mas bem sabe que a diéta.... as precauções....

CLARA.

Deos ha de permittir que o seu restabelecimento seja prompto. (*Levanta-se.*) Vou guardar estes vestidos. Espere-me um pouco. Cuida de Angela. (*Sae. — JOSÉ tem se levantado tambem, como para sair; vae ao fundo buscar o capote e volta ás ultimas palavras de CLARA.*)

Scena 2ª

JOSÉ, só.

JOSÉ.

Vae, pobre martyr, que te deixas illudir, como se fóras uma criança. Vae, eu velarei por tí e por tua filha. Por este anjo (*dirige-se ao berço*) que representa a meus olhos uma victima da infamia e da depravação.

— 8 —

Dorme, anjo do céu; dorme, andorinha perdida em escuro
 1 céo de terra estranha. . . . Eu serei o guarda fiel de teu
 1 somno, o dedicado amigo do teu despertar. Sinto que o
 1 que falta no coração de teu pae sóbra no meu. Tua mãe
 é uma santa, que ainda crê no amor e na bondade de Al-
 fredo, que é um miseravel; e nem percebe, a desgraçada,
 na difficuldade com que lhe minto, que só eu a protejo,
 que só eu vélo por ella! Oh! minha mãe, tu, que me
 ouves talvez, neste instante (*ajoelha-se junto ao berço*), ac-
 ceita-me o sacrificio voluntario. Quando para soccorrer
 estas infortunadas creaturas, desamparadas do mundo e
 desajudadas de Deos, me privo até do pão quotidiano,
 soffro necessidades e supporto privações incompativeis com
 a minha educação, é que me lembro de ti, e não faço senão
 prestar uma homenagem á tua, para mim, sacro-santa me-
 moria.

Scena 3ª

JOSÉ e CLARA.

CLARA.

(*Entrando.*) Que é isso, José? De joelhos! . . .

JOSÉ.

(*Atrapalhado e levantando-se.*) É é verdade, Dona
 Clara para melhor contemplar sua filha. Estava a ler
 nos seus sorrisos e na doce placidez de seu dormir os so-
 nhos candorosos e innocentes que, sem duvida, se agitação
 naquelle craneo infantil. Embriagava-me nessa leitura.

CLARA.

Ah! José, não sei como pagar-te tanta dedicação,
 tanta amizade.

JOSÉ.

Como pagar-me! Ah! D. Clara, eu preciso dizer-
 lhe, de uma vez para sempre, que tudo quanto faço signi-
 fica apenas o cumprimento de um rigoroso dever. E vou
 prohibir-lhe agora mesmo que d'aqui em diante me encha
 os ouvidos com os protestos de uma gratidão, que eu não
 acceito, que não tem razão de existir.

Como?

CLARA.

JOSÉ.

Ouçá-me. A Snra. conheceo minha mãe. Era escrava

do commendado
 leite da sua. A
 zar-me e deo-n
 entendi que. T
 typographo. T
 nos livros o qu
 tambem a desp
 affligia profunda
 nha mãe. Par
 gastava os meu
 os caixotins e a
 de quem se ser
 Muitas vezes se
 pensamento. R
 ratum queria eu
 e da minha dedic
 do triumpho, qu
 todo o edificio
 erguido sobre c
 estava desmoro
 sem nome, de s
 estava roubado.

Mas, José!

Perdão n
 daquella perda, n
 mais alguns anno
 isso para quem t
 aspirações? . . .
 da degradante c
 um máo destino.
 ainda o esplendic
 me, e que custoz
 dias, a mulher en
 fimento aprender
 velha curvada
 capoteiro!
 esperancado
 labaredas
 a reconce

do commendador Silveira e havia sido em algum tempo ama de leite da sua. Ao nascer, seu pae offereceo-se para baptizar-me e deo-me, na pia, o presente da liberdade. Cresci; entendi que devia ser um homem e fiz-me artista: sou typographo. Tinha sêde de saber, procurei aprender. Achei nos livros o que a sociedade me negava, e nelles aprendi tambem a desprezal-a. Havia, porém, uma couza que me affligia profunda e constantemente: era o captiveiro de minha mãe. Para tornal-a livre trabalhava como doudo; gastava os meus dias e as minhas noutes debruçado sobre os caixotins e achava n'aquelle insano labutar a satisfação de quem se sente morrer na defeza de uma nobre cauza. Muitas vezes seu pae offereceo-se-me para realizar o meu pensamento. Recuzei. Era muito dever, e aquelle *desideratum* queria eu obtel-o sómente á custa dos meus esforços e da minha dedicação. Um dia, quando já via perto o momento do triumpho, quando intimamente me rejubilava da victoria, todo o edificio de ventura, que eu havia phantasticamente erguido sobre os alicerces do meu trabalho de longo tempo, estava desmoronado. O resultado de muitos annos de lutas sem nome, de sacrificios enórmes havia desaparecido: eu estava roubado.

CLARA.

Mas, José!

JOSÉ.

Perdão . . . não me interrompa. Não pude consolar-me daquella perda, não porque ella importasse para mim em mais alguns annos de privações e de esforços. . . Que era isso para quem tinha tão sagrados intentos, tão nobres aspirações? . . . Mas porque ella significava a continuação da degradante condição de minha infortunada mãe, a quem um máo destino, disfarçado em um crime, fadava a não ver ainda o esplendido sol da liberdade. Eu tinha de resignar-me, e que custoza resignação! Ver a autora dos meus dias, a mulher em cujos seios bebera a vida, em cujo sofrimento aprendera a ser desgraçado, sem ser bláspheмо; vê-la curvada aos annos e á oppressão ignominioza do captiveiro! . . . Tive impetos de suicidar-me. Olhei, porém, esperançado para o futuro, refiz-me de forças, agitei as labaredas da minha coragem, quasi amortecida e dispuz-me a reencetar o árduo trabalho que julgára findo.

car. Tu em escuro
no meu. Sinto de teu
na bondade de Al.
ebe, a desgraçada,
e só eu a protejo,
a mãe, tu, que me
unto ao berço), ac-
o para soccorrer
das do mundo e
o pão quotidiano,
incompatíveis com
e não faço senão
n, sacro-santa m-

joelhos! . . .

é verdade. Dona
lha. Estava a ler
eu dormir os se-
luvida, se agito
nessa leitura.

tanta dedicação.

eu preciso dizer
quanto faço signi-
ficante me encabo
lho, que eu não

CLARA.

Não continue, José; já sei onde quer chegar. Lembre-se que vai fazer-me recordar o passado, e que essa recordação mais ainda me infelicita.

JOSÉ.

Não; já agora hei de dizer-lhe tudo.... Um dia, porém, fatigado do labor diurno, recolhia-me ao silencio do lar para descansar alguns instantes; ao abrir a porta, pois eu morava só, achei em baixo um papel a mim sobrescriptado. Abri-o, dizia assim: Alguem, que é seu amigo, pelas virtudes que em si reconhece e pelos esforços que sabe tem despendido para a liberdade de sua mãe, interessou-se por si e ponde descobrir o ladrão, conseguindo obter ainda d'elle a quantia de tanto, que ora lhe remette. E, com effeito, estava incluzo o dinheiro. Aceitei como natural e verdadeira aquella explicação e attribui o facto aos remorsos e ao arrependimento. Minha mãe foi resgatada á escravidão, para morrer, pois bem pouco tempo pude gozar da felicidade de viver junto d'ella. Na occasião de expirar, disse-me....

CLARA.

José, José!.....

JOSÉ.

„Meu filho, prometti nunca revelar-te este segredo, mas sinto que vou morrer e é preciso que te deixe incumbido do pagamento desta divida solemne de gratidão. A minha liberdade, que tu julgas dever somente aos teus esforços, a deves a D. Clara... Sim, foi ella quem, sabendo do roubo de que havias sido victima, e tendo depositada no banco a quantia de um conto de réis, que lhe dera o padrinho, no dia de seus annos, fez com que seu pae a retirasse e com o concurso do mesmo, que a isso se prestára silenciosamente, orgulhado da bonita acção de sua filha, te mandou aquella importancia, que recebeste como proveniente do remorso e do arrependimento do ladrão. „E porque já não m'o disse?“ — perguntei-lhe eu. „Porque prometti a meu antigo senhor, que m'o contou, nunca te revelar este segredo...“

CLARA.

Mas, José, sua mãe estava enganada.

JOSÉ.

Enganada? não. Ella fallava verdade. Seu pae falleceu pouco depois, deixando a Snra. e sua mãe em extrema pobreza, porque se havia atrazado muito em seus negocios. Sabe bem se tenho até hoje procurado cumprir as ultimas vontades de minha desgraçada mãe....

CLARA.

Sei, José, que tem feito muito mais do que eu devia esperar da sua gratidão.

JOSÉ.

Não.

CLARA.

Agora ouça-me tambem. Orphã, pobre, sem recursos, tivemos em ti o mais decidido amigo, o mais esforçado protector. Tu vieste recordar meu passado, cuja lembrança eu queria evitar. Revolvamol-o, pois. Apareceo em meio de nosso infortunio um homem, que trazia nos labios palavras de conforto, palavras cheias de amor, esplendidas promessas. Disteste-me que desconfiasse d'elle e eu insultei-me com a tua prevençãõ. Entreguei-me louca, incanta á perdição e á vehemencia d'aquelle amor.... que era o primeiro. E tu sabes o que succedeo... perdi-me, e elle.... elle me enganara. O cazamento que me promettera nunca se realizou. Minha mãe succumbio á minha deshonra. Ali está (para o berço), ali está o penhor de um illegitimo amor, fadado não sei para que funesto destino... Pois bem, José; tu tens sido o meu anjo bom até agora, e sel-o-has no futuro, estai certa, até que n'um ultimo suspiro se me exhaura este resto de vida, que ainda me anima. Se por ventura faltar aquella innocente o apoio de seu pae, protege-a tu, ampara-a, guia-a no tormentozo mar da vida, para que evite os escolhos em que eu sossobrei. Ella é filha do teu coração.

JOSÉ.

(Ajoelhando e beijando-lhe a mão.) — Oh! sim, sim, eu juro que a ampararei. Não sabe o bem que me fez, Dona Clara. Sinto-me feliz hoje pela primeira vez, desde que tive a infelicidade de perder minha mãe.

CLARA.

Bem, José; agora vae, vae ao teu trabalho.

JOSÉ.

Sim; porque d'este momento em diante preciso mais que nunca de trabalhar. Até depois. *(Vae á sair.)*

CLARA.

Então, não vaes beijar tua filha?

JOSÉ.

Oh! sim, sim, se m'ò permite. Eu não me atrevia. *(Vae ao berço, beija a criança cautelosamente e sáe chorando. Clara acompanha-o e fecha a porta com o trinco.)*

Scena 4ª

CLARA, só.

CLARA.

Que alma! Que generoso coração! E ha, talvez, nessa sociedade, de que fui alijada, quem lhe volte com desprezo as costas e recuze apertar-lhe a mão!..... Ah! minha filha! Já não me assusta o teu futuro; acabo de confial-o ao mais digno e virtuoz de todos os homens. Quando cresceres, olhando para aquellas faces escuras, não te envergonhes de chamal-o pae, que em compensação tem elle n'alma a alvura da bondade e da honra... *(mudando)* E Alfredo que está doente! Deos sabe que tormentos não tem elle passado, que saudades da filha não tem soffrido... porque, emfim, trata-me mal, mas tem bom coração... Se eu podesse vê-lo, ainda que fosse um instante, de longe só!... *(ouve se uma grande gargalhada fóra.)* — Esta voz... este rizo... *(Batem fortemente.)* Quem está ahí?...

ALFREDO.

(Fóra.) — Abre, com os diabos, que estou como um pintó

CLARA.

Alfredo! Elle!...

ALFREDO.

Abre, não ouves? *(Bate mais forte.)*

CLARA.

Meu Deos!... Estes modos?!... Que terá acontecido? *(Vae abrir.)*

Scena 5ª

CLARA, ALFREDO e LUIZ.

CLARA.

(Querendo abraçal-o.) — Alfredo!...

ALFREDO.

(Repellindo-a bruscamente.) — Estás surda, eim?... Hei de abrir-te as ouças, mas com este remedio. *(Mostra lhe um chicote.)*

CLARA.

(A' parte.) — Céos!...

ALFREDO.

Entra, ó Luiz, que esta caza é de todos.

LUIZ.

(Entrando.) — Não parece; se fosse de todos a porta estaria aberta.

ALFREDO.

É que aqui a *senhora* tem, talvez, medo dos relampagos, ou estava a fazer romance d'amor com algum antigo conhecido.

CLARA.

Alfredo!... Extranho-te... tu me assustas.

ALFREDO.

Ora, coitada da pombinha!... dêo-lhe agora para soffrer dos nervos.... Dê-nos em que sentar. *(Clara dá cadeiras, Alfredo faz muito ruido com a cadeira.)*

CLARA.

Faze menos barulho, Alfredo, nossa filha está ali a dormir.

ALFREDO.

(Gritando.) — Eim?!...

CLARA.

(Tremula e baixo.) — Tua filha está ali dormindo.

ALFREDO.

Que diz ella, Luiz? não ouço bem.

LUIZ.

Que tua filha ali está dormindo, segundo parece, n'aquelle caixão com fórna de berço.

ALFREDO.

Minha filha!... Ah! ah! ah! Isto só a rir.

CLARA.

(Attonita.) — De que ri, Alfredo, de que ri?!...

ALFREDO.

De que rio?... É boa! Quem a autorizou a dizer que sou eu o pae d'aquella criança?

CLARA.

Que dizes?... Repéte, repéte, que eu tenho medo de te comprehender.

ALFREDO.

Por ventura se póde dizer qual das sementes, plantadas n'um terreno immensamente cultivado, germinou a flór, que entreabrio?

CLARA.

Ah!... (*correndo ao berço.*) — Felizmente ella dórme e não póde ouvir as infamias que o Sr. profére. Essa baba nojenta e diffamatoria, que ahí está a escorrer-lhe dos labios, felizmente não repugnará a esta criança, porque ella não a vê. Cále-se.... cále-se, por Deos, que eu enlouqueço....

ALFREDO.

Olhem a vestal!... Luiz, não julgues pelas apparencias... Esta mulher mente como todas as....

CLARA.

Basta. Não sei, não quero saber, não indago qual é o motivo que o demoveo a vir insultar em sua caza a victima de seus depravados sentimentos e da torpêza de seu character. Qualquer que elle seja, porém, é de certo bem indigno e bem vil...

ALFREDO.

Olha, vês, Luiz, o que é a ingratição?... Eu vinha despedir-me della e deixar-te em meu lugar, como substituto legal, começando pela noute de hoje, e ainda em cima recebe-me deste modo!... Não ha que admirar. Todas as mulheres perdidas são assim....

CLARA.

Mulheres perdidas!... Já sei: entre as libações a que costuma entregar-se, ao som das gargalhadas da devassidão e ao tinar dos cópos o Sr. disse ao seu amigo: Queres conhecer uma desgraçada, que eu deshonrei, que fui arrancar á placidez do seu lar, ás alegrias de sua virgindade, á santidade de sua virtude? Vem comigo. Chegou, e teve pejo de dizer-lhe: vês aquella mulher, que ali está pallida, magra, repudiada, maldicta? Fui eu quem a perdeo... a corôa da sua castidade fui eu quem a desfolhou, as côres daquelle rosto desbotei-as eu, os sorrisos d'aquelles labios troquei-os por uma permanente expressão de angustia....

Ella tinha uma mãe boa e carinhoza, matei-a de desgotos; tem uma filha, que é minha tambem, reneguei-a. Eu sou um seductor infame, um assassino, um infanticida.

ALFREDO.

Ah! ah! ah!

CLARA.

Ri, miseravel, ri; mas ri baixo para que os échos da tua voz não despertem aquelle anjo, que dorme. Espéra. (*Vae para dentro e volta logo, trazendo os objectos que lhe dera José.*) Estes vestidos mandaste-os ha pouco para a tua filha. Toma, leva-os. Antes quero vel-a morrer de frio, inteiriçada nos meus braços, do que lhe toquem no corpo estes trapos, que te passarão pelas mãos; a lepra da tua consciencia póde ser contagioza. Este dinheiro (*tirando as notas que havia guardado no seio*) leva-o tambem, que não preciso d'elle e está a queimar-me os seios como se fosse logo vivo. Apanha tudo isto e sae.

LUIZ.

(*Constrangido.*) — Vamos, Alfredo.

ALFREDO.

Para onde, se estou aqui tão bem?

CLARA.

Saião.

LUIZ.

Minha senhora, eu não sou o que talvez pareça, fui enganado, eis tudo. Eu saio; desculpe-me. (*Sóbe ao fundo.*)

ALFREDO.

Não.... com mil raios!.... Esta mulher mentio. Trouxe-te aqui para que aqui ficasses e ficarás apezar teu e d'ella.

LUIZ.

Nunca!...

ALFREDO.

Pensas, talvez, que ella é uma virtude?... É, sim... é uma virtude amaziada com um negro

CLARA.

Ah! meu Deos! (*José apparece.*)

ALFREDO.

Vamos, senhora, deixemo-nos de partes. Tenho mais

que fazer. (*Vae a correr para ella, tropeça e cac. Luiz desce para erguel-o.*)

CLARA.

(*Rapida, com um grito de satisfação.*) Ah! Está bebado!

ALFREDO.

(*Levantando-se.*) Bebado! Quem disse aqui — bebado? . . .

CLARA.

Eu.

ALFREDO.

Tu! . . . Tu, infeliz? Vaes pagar o teu arrojio. (*Levanta o chicote como para batel-a, porém José interpõe-se.*)

Scena 6^a e ultima.

LUIZ, ALFREDO, JOSÉ e CLARA.

JOSÉ.

Desgraçado! (*Alfredo fica com o chicote suspenso.*)

ALFREDO.

O negro!

JOSÉ.

Sim, o negro . . . o teu inferior, o pariá das sociedades modernas, o mulato, o proscripto da ventura, que te diz: Miseravel, se baixas essa mão, se tocas nessa mulher, se tens o inaudito arrojio de bater na minha face com a ponta deste chicote, cravo-te esta faca no coração. (*Apontando-lhe a porta.*) Sáe. (*Alfredo e Luiz vão recuando com expressão de terror no semblante até sahir.*)

CLARA.

(*Ajoelhando-se.*) Ah! José, salvaste-me

JOSÉ.

Minha senhora, eu não fiz senão impedir que as mãos do réprobo e do maldito tocassem na imagem da divindade . . . apenas evitei que manchassem aquella que libertou minha mãe.

Fim do prólogo.

ACTO 1^o

(*Gabinete elegantemente mobiliado.*)

Scena 1^a

JOSÉ e ANGELA.

(*José, sentado á E., escreve em uma secretaria; Angela está sentada delle, tendo na mão uma pequena salva com uma chicara.*)

ANGELA.

Mr. distrahido, advirto-lhe que o café esfria.

JOSÉ.

(*Deixando de escrever e voltando-se.*) Eras tu, Angela? . . . Estava tão embebido a escrever que

ANGELA.

Sem duvida, um daquelles brilhantes artigos com que castiga todos os dias os erros do governò e firma a sua reputação de escriptor abalizado?

JOSÉ.

Qual, Angela . . . se alguma couza faço, não é que seja resultado de um talento feliz, nem de uma illustração profunda. E' que, nos amargores da minha vida passada, ao estudo que hei feito do mundo e de suas couzas, tenho aprendido a amar a virtude e a desprezar a immoralidade e o vicio. Nesta luta politica, em que me vês envolvido, eu sou talvez uma ave peregrina, sonhador de utopias, de futuros irrealizaveis. Guia-me o bem da patria e revoltava-me a corrupção dos governos. Para isso, vê: todos os dias lanço-me em rosto a inferioridade do nascimento; cospem sobre mim nas columnas de todos os jornaes a baba peçoalenta da diffamação e do insulto. E eu não paro na minha derrota; prosigo sempre, como se fôra surdo e cêgo;

marcho para o futuro, com o mesmo desprendimento com que sóbe ás eminencias do espaço, em demanda da sciencia, o audaz aereonauta.

ANGELA.

A' corôa de seu merecimento incontestavel junta meu padrinho os louros da modestia, que mais a realção.

JOSÉ.

Tu és quem assim o julga.... (*Mudando.*) Mas... sabe, Sra. Angela?... Estou muito desgostozo comsigo?

ANGELA.

(*Entristecendo.*) Commigo?... E porque?

JOSÉ.

(*Percebendo e fingindo-se grave.*) Porque desobedece ás minhas ordens, e, mais ainda, recuza-se a fazer o que lhe peço.

ANGELA.

Eu, meu padrinho?... De que modo?

JOSÉ.

Acabo por zangar-me seriamente, e então teremos de ficar mal, por espaço.... por espaço de oito dias, não quatro.... não, dous.... dous dias.

ANGELA.

(*Comprehendendo.*) Reduza isso de uma vez a vinte e quatro horas. Já sei porque é.

JOSÉ.

Ainda bem, pois espero que não se reproduzirão os factos de que me sinto queixozo.

ANGELA.

Pois tenha paciencia, que, desta vez, hei de desobedecel-o.

JOSÉ.

Atreve-se?...

ANGELA.

Oh! se sim: hei de continuar a trazer-lhe o café todas as manhãs, depois do jantar e á noute; e agora sou eu quem diz: não admitto contrariedade.

JOSÉ.

Sim?... Então quer rebellar-se contra o poder constituido? Sabe em que crime incorre?

ANGELA.

Não sei, nem o dezejo. O que sei é que, se me con-

testa, serei eu quem se zangará, e então não o ficarei só por vinte e quatro horas, mas por vinte e quatro dias.

JOSÉ.

Devéras?

ANGELA.

Bem devéras.

JOSÉ.

Está bom; submetto-me, confessando-me vencido. Tu representas, por exemplo, a soberania do povo, e eu o poder governativo. Ante a vontade daquelle deve este submeter-se. São as minhas theorias em politica, admitto-as ao lar domestico. Traze, pois, quantas chicaras quizeres, que eu te prometto beber todas com a mesma satisfação, com que vou beber esta, apesar de fria.

ANGELA.

Dê-m'a, faz-se outra.

JOSÉ.

Não quero.

ANGELA.

Não faltava mesmo mais nada, se, sabendo eu que meu padrinho gosta do café, feito por minhas mãos, fosse resignar este cuidado nas dos desastrados criados. (*Tomando a chicara da mão de José, que tem acabado, vai collocar-a na mesa do centro.*) Agora continúe a escrever, que eu vou ver que tal está a manhã.

JOSÉ.

(*Continuando a escrever e fallando*) Sim?... Então, é realmente a manhã que tu vaes ver?...

ANGELA.

(*Rindo, enleada.*) E o que mais ha de ser?

JOSÉ.

(*Sempre escrevendo.*) Ora, ha tanta couza que ver neste mundo que a final de contas bem podia ser que fosse outra qualquer.

ANGELA.

Está bom; ja não vou mais á janella. (*Pauza.*) Sinto passar....

JOSÉ.

Ha de ser a manhã....?

ANGELA.

Está caçoando, padrinho?

JOSÉ.

Por Deos, que não! Tu querias ir vel-a á janella, pois eil-a que vem ao teu encontro. (*Voltando-se e vendo Carlos, que entra, trazendo um pequeno ramo.*)

Scena 2^a

JOSÉ, ANGELA E CARLOS.

JOSÉ.

Ora, ahí a tens: fresca, louçã, jubiloza.... manhã de primavera, em pleno Junho. Traz flôres e rizos. Que mais queres? Já não precisas de ir á janella.

ANGELA.

Meu padrinho....

CARLOS.

Bom dia. Realmente, se tudo quanto as moças amão se resume em flôres e rizos, não sei o que D. Angela possa mais desejar, quando eu trago-lhe umas (*dá-lhe o ramo*) e outros.

ANGELA.

Obrigada, Sr. Carlos.... Era o padrinho que estava a grácejear....

CARLOS.

As flôres é minha mãe quem as manda....

JOSÉ.

E os sorrizos, o Sr.

CARLOS.

Eu!....

JOSÉ.

O senhor, sim: porque é mister que comprehendamos: os rizos da predilecção das moças não são os dos velhos, rizos carunchozos, que, no descerrar dos labios, deixão ver ordinariamente uns dentes amarelecidos e gastos pela accção do tempo, se é que ainda a felicidade de mostrar os dentes lhes é permittida. Os que ellas amão são os dos moços, que representam a primavera com todo o seu cortejo de galas e primores, esses rizos expressivos, que fallão, que cantão, que dizem mais do que a palavra, porque têm a eloquencia despotica do amor, que em tudo se manifesta grande tal qual é. Ria-se, pois, o Sr. Carlos para Angela: é isso o que ella quer.

ANGELA.

O padrinho está hoje....

CARLOS.

De veia, como se costuma dizer.

JOSÉ.

Pois bem, seja de veia. E vocês estimão bastante.... Ora, digão lá se não?

ANGELA.

Quanto a mim, bem sabe que sim. Nunca gostei de ser triste e estou sempre contente quando o vejo de bom humor.

CARLOS.

O mesmo me succede.

JOSÉ.

Então, esperem um pouco, enquanto vou lá dentro preparar-me para ir á typographia. São apenas dous minutos que passão sem a minha veia. Até já. (*Sae.*)

Scena 3^a

ANGELA E CARLOS.

CARLOS.

E' uma perola o teu padrinho, Angela.

ANGELA.

A quem o diz, Carlos, (*indica-lhe cadeira e sentão-se*) á mim, que sou quasi sua filha; que aprendi desde o berço a adoral-o, a veneral-o; que ouvi dos labios de minha mãe espirante estas palavras: Angela, elle é teu pae....

CARLOS.

Bem profunda deve ser a affeição que lhe dedicas.

ANGELA.

Não podia ser mais. E depois, bem o vê, Carlos, se elle é, ou não, digno della. No mundo, para mim, elle é....

CARLOS.

E.... diz, Angela. Essa palavra, que te ficou suspensa nos labios, eu quero ouvil-a.

ANGELA.

Tenho-t'a dito tantas vezes que já te suppunha cansado de....

CARLOS.

Cansado!... Cansado de ouvir-te dizer que me amas?.... Criança! Cansado porventura de ouvir dizer que és bonita? Entustão-te os carinhos de teu padrinho?

ANGELA.

Os carinhos de meu padrinho? Por mais repetidos e continuos que sejam acho-os sempre poucos.

CARLOS.

Ahi tens; do mesmo modo nunca me enfastia ouvir de teus labios a confissão desse amor que, nem sei porque felicidade, pude merecer-te. Ha dez annos que vieste para esta cidade, em companhia de teu padrinho. Eras, então, uma criança adoravel. Fomos desde essa época até hoje vizinhos. Teu padrinho estabeleceu aqui a sua officina de trabalho e em pouco tempo soube conquistar esse nome invejavel que possui. Eu via-te todos os dias, e quanto mais te adimirava, criança, mais me embuia de um certo presentimento de que te havia de amar. Sabes hoje, como eu, quanto era verdadeiro o presentimento que eu alimentava. Tu fizeste-te moça e o resultado dos nossos amores infantís, foi que nos costumassemos a considerar-nos noivos.

ANGELA.

E' certo que assim nos consideramos; mas o que é de notar, meu Carlos, é a delonga que tem soffrido a realisação desse desejo querido de nossa alma. Delonga que tu mesmo promoves, e cujo fundamento não apparece.

CARLOS.

(Um pouco embaraçado.) Tu és quem assim o suppõe. Espero apenas melhorar de condição....

ANGELA.

Não póde ser isso uma razão, quando meu padrinho mil vezes lhe tem dito que essa difficuldade facilmente desaparecerá.

CARLOS.

Eu.... eu comprehendo o generoso procedimento de teu padrinho; mas é que não quero, não posso, nem devo acceitar....

ANGELA.

Não faça com que me persuada de que devo ter um marido soberbo.....

CARLOS.

Por Deos, Angela, é que.....

ANGELA.

É, que o seu amor não é talvez o que eu pensava....

CARLOS.

Angela....

ANGELA.

Tudo quanto o Sr. faz e diz, não é mais do que um pretexto para passar o tempo um pouco mais agradavelmente, não é?

CARLOS.

Não, Angela....

ANGELA.

É, sim: cada dia mais profunda se me torna esta consciencia, que me afflige, que me tortura. Mas, então, diga-me por que razão me illude? porque não desfere de uma vez o golpe definitivo?

CARLOS.

Angela, está a dizer-me couzas horriveis....

ANGELA.

Devia ter pena de mim.... e uzar de mais franqueza. Vamos, Carlos, confesse a verdade, qualquer que ella seja.

CARLOS.

(Depois de hesitação.) Bem, Angela, não quero que por mais tempo persista n'um erro, que me offende. Eu vou dizer-lhe tudo, ainda que isso possa causar-lhe um desgosto profundo. Ouve-me! Dizem....

Scena 3ª

OS MESMOS E JOSÉ.

JOSÉ.

(Que deve ter ouvido o final da scena.) Que certo rei, andando um dia á caça, vio de repente um dos seus cortesãos, que havia ficado na cõrte, vir a todo o galope. Percebendo logo que aquillo era alguma noticia de importancia que lhe vinhão dar. Parou e esperou. O cortesão chega, e pondo a alma pela bõca fóra, diz-lhe sem tir'te nem guar'te: Senhor, morreo a rainha.... Imaginem o estado em que ficou o rei. Deitou a correr em direcção ao palacio, saltando por cima de abysmos enormes, vencendo as distancias com a rapidez do raio. Chega, corre á camara da rainha, que vem ao seu encontro, por sua vez assustada de tanta precipitação. O rei, ao vél-a viva, sente uma tal alegria, que lhe produzio um ataque de cabeça, do qual esteve para fazer a grande viagem da eternidade. No cabo, o cortesão fóra victima da sua leviandade. Saindo de caza ouvira dizer — morreo agora mesmo a rainha, e para ser

o primeiro a dar esta lutoza noticia, correo sem indaga
de mais nada. Porém, a rainha que morreo, era uma mu
lher da moda, muito conhecida na terra pela depravação
de seus costumes. O cortezão teve, como premio de seu
engano funesto, o ser banido da côrte e despido de todas
as honras

ANGELA.

Mas, padrinho

CARLOS.

(*A' parte.*) Compreendi-o. (*Alto.*) Essa historia

JOSÉ.

É a *veia* que ainda dura. Desculpem, isto é mania dos
velhos, andarem a contar historias. Não póde agradar á
todos, convenho; mas nós temos o grande defeito de não
consultar o gosto d'aquelles á quem nos dirigimos.

CARLOS.

E quem lhe disse que a sua historia nos não agrada
dou? Olhe, á mim pareceo-me de summo interesse.

JOSÉ.

Ah! sim?... ainda bem. Diga-me: vae para o lado da
typographia?

CARLOS.

Não, Sr., mas saio tambem. Precizo dar algumas vol
tas. (*A' parte.*) Entendo, quer levar-me

JOSÉ.

Então, vamos juntos. Adeos, Angela. (*Beija-a na frente.*)

CARLOS.

Minha senhora (*sac.*)

ANGELA.

Não se demore muito, sim, padrinho?

JOSÉ.

Sim. (*Sae. Angela desce e vendo um papel sobre a se
cretaria, toma-o e vae á janella.*)

ANGELA.

Padrinho! (*mostrando*) Olhe, esqueceo-se!

JOSÉ.

(*Entrando pouco depois.*) Esta cabeça!

ANGELA.

Meu padrinho, diga-me: que quiz dizer com a sua
historia?

JOSÉ.

Queres sabel-o? Pois bem, quiz dizer: que deves es
quecel-o.

ANGELA.

Quem?

JOSÉ.

Carlos Adeos. (*Sae.*)

Scena 5ª

ANGELA. (*Só.*)

(*Fica alguns instantes pensativa.*) Elle disse — esque
cel-o, como se dissesse: ama-o cada vez mais. Que signi
fica isto? Aquella historia aquella indecizão de Carlos
é alguma couza que me occultão, mas que preciso saber.
Por que razão esquecel-o? Como? Eis o que eu pergunto
a mim mesmo. Mas, se este amor é uma parte de meu
ser, a seiva de que se nutre a minha existencia! (*Senta
se pensativa. Batem á porta.*) Quem será? (*Vae abrir.*)

Scena 6ª

ANGELA E LUIZ.

ANGELA.

(*Abrindo a porta.*) Quem é?

LUIZ.

Dá licença, minha senhora?

ANGELA.

Faça o favor de entrar. Mas meu padrinho não está.

LUIZ.

Melhor; porque não é á seu padrinho, e sim á V. Exª,
que eu dezejo fallar.

ANGELA.

A mim?

LUIZ.

Sim. (*Angela indica-lhe o sophá e sentão-se.*)

ANGELA.

Mas, Sr., eu não posso, nem devo ter segredos para
vós, assim como não tenho tambem negocios particulares
a tratar

LUIZ.

Queira desculpar-me; mas verá que só á V. Exª in
teressa o que tenho á dizer. Conhece-me, de certo?

ANGELA.

Ha muito tempo já.

LUIZ.

Sabe que Carlos é meu filho?

ANGELA.

(Assustada.) Sim, Sr.

LUIZ.

Pois bem; é d'elle que vou fallar á V. Ex^a. Espere muito tempo de propozito, que seu padrinho sabisse, para vir procural-a. Trata-se, minha senhora, de um caso grave.

ANGELA.

Eu o escuto.

LUIZ.

Antes de tudo devo dizer-lhe que não venho com intenção de offendel-a. Se porventura, no que tenho á dizer-lhe, houver alguma couza que a possa magoar, creia que só a importancia do successo e a força das circumstancias me obrigarão a proferil-a. V. Ex^a e seu padrinho aportarão um dia a esta terra. Erão pobres, talvez, mas sympathicos. O talento de um e as graças de outra fizeram com que toda a gente os acceitasse taes quaes erão, sem indagar donde vinhão, o que erão e a que vinhão. Que o acazo que fomos desde então vizinhos. Como era natural, estabeleceo-se entre as duas familias uma intimidade que logo tomou character mais serio, tornando-se em amizade. Meu filho achou em V. Ex^a o seu ideal de moço, e desde então voltou para esta caza todas as suas faculdades. At aqui o modo, por que temos vivido. Agora, o facto importante, que aqui me trouxe.

ANGELA.

Não posso comprehendel-o.

LUIZ.

Far-me-hei comprehender. Vae para alguns mezes como sabe, que um terrivel acontecimento abalou minha caza. A quebra da caza commercial Soares & Müller affectou a consistencia da minha. Vejo-me perto do abysmo profundo da bancarota e consequentemente impossibilitado de assegurar o futuro de meus filhos. Aparece a Carlos, que meu socio, um cazamento vantajozo

ANGELA.

Ah!

LUIZ.

Que, salvando o, salva-me tambem e a todos os nossos. Pois bem, Carlos esquece familia, bem estar, fortuna, tudo por sua cauza e recuza a proposta.

ANGELA.

Generozo coração!

LUIZ.

Sim, generozo Mas sabe, o que diz o mundo, o que diz a sociedade, o que dizem os meus amigos? Que Carlos vende-se a seu padrinho, que tem secretamente muito dinheiro; que baixa da sua posição, que abdica dos seus brios de homem, movido unicamente pelo interesse. E mais: sabe como chamão a seu padrinho? O negro. Pois dizem tambem, que esse negro é seu pae, que V. Ex^a é filha de um amor criminozo, que seu padrinho foi escravo de sua mãe.

ANGELA.

Ah! basta, senhor, é muita crueldade. Para que me vem dizer estas couzas, que o mundo murmura pela voz da calumnia, da infamia e da mentira?

LUIZ.

E' para que V. Ex^a saiba a que abjecção reduz meu filho, e para fundamentar a prohibição, que vou fazer-lhe de continuar a vir á esta caza.

ANGELA.

Porque não diz de uma vez tudo quanto dezeja e me sempre do ouvil-o? O que exige de mim? Que esqueça Carlos? Impossivel! Pois bem; eu o repellirei, tirar-lhe-hei todas as esperanças, tornar-me-hei perjura á seus olhos, e elle me esquecerá. E' tudo quanto lhe posso prometter. Mas, vá-se, Sr., vá-se, que eu não quero mais ouvil-o.

LUIZ.

Eu vou, minha senhora, vou e agradeço-lhe o bem que me faz. (Vae á sahir e encontra Carlos.)

Scena 7^a

OS MESMOS E CARLOS.

CARLOS.

Meu pae! . . .

LUIZ.

Tu aqui?!

CARLOS.

(*Vendo Angela, que chora, apoiada na meza.*) Ella! Chorando! (*Corre a Angela, esta levanta-se impetuoza, e, sem olhal-a, aponta para Carlos a porta da rua.*) Que quer isto dizer, Angela? Mandas-me embora?... Não fallas? Meu pae, explique-me o que quer isto dizer?

LUIZ.

Quer dizer: que ella te manda sahir.

CARLOS.

A mim?! E porque?

LUIZ.

Não é cazo de perguntar e sim de obedecer. Vamos.

CARLOS.

(*Depois de longa hesitação.*) Vamos. (*Vae á sahir.*)

ANGELA.

(*Que tem feito um esforço supremo para ter-se de pé, cae na cadeira.*) Oh! meu Deos!

CARLOS.

(*Voltando-se.*) Não; eu não saio d'aqui sem saber o que se passou. Angela, o teu silencio me lança o espirito n'um oceano de conjecturas. Falla, falla... dize que isto que se dêo foi meramente para assustar-me. Falla, por Deos!... O que se passou?....

ANGELA.

O que se passou? Seu pae que lhe diga.

CARLOS.

Meu pae!....

LUIZ.

Sim, eu t'ó direi; mas vamos d'aqui.

Scena 8ª

OS MESMOS E JOSÉ.

JOSÉ.

Não; ha de dizel-o já.

ANGELA.

Meu padrinho.

LUIZ.

Senhor....

JOSÉ.

Ha de dizel-o já. Essas torpezas, que veio contar essa creança; esse fel, que veio derramar naquella alma innocente; essas mentiras de que se fez, não inconsciente

mas calculado echo; essa infamia, que veio transmittir a Angela, ha de repetil-a aqui, em presença de seu filho, que eu quero esmagar tambem por minha vez os detractores de minha honra e da da santa martyr, que foi mãe daquella creança. Ah! é demais!.... Até hoje, em quasi vinte annos de lutas, eu tenho vivido dentro em mim mesmo, dedicado á religião dos meus affectos, que todos se concentão sobre a terra nessa infortunada menina. Tenho sido indifferente ás vozes da maledicencia, do rancor, da inveja, da paixão individual; tenho desprezado os assaltos dos cães lamintos de reputações alheias; tenho fechado as portas do meu lar ás vistas curiozas dessa sociedade egoista; porque até então era só eu quem soffria, era sobre mim unicamente que a falsidade e a mentira assestavão as suas armas traiçoeiras. Mas, agora, que ouzão tocar naquillo, que eu tenho de mais caro, na memoria de sua mãe, Angela, eu mudo de idéa e dou tambem combate. Vamos, Sr. falle; bem vê que eu tenho o direito de exigir.

LUIZ.

Não, Sr. Ha couzas que se não repetem.

JOSÉ.

Ah! recuza-se?... Eu logo vi que lhe faltava a coragem. Pois bem; o que não quer dizer, dil-o-hei eu.

ANGELA.

Pois sabe?

JOSÉ.

O que é que eu não sei, creança? Ao meu olhar investigador nada escapa, e estes factos, que acabão de dar-se, tanto os esperava eu, que ainda cheguei a tempo de tiral-os bem á limpo. Sr. Carlos, dizem por ahi, que o negro, como honrozamente me chamão, teve o capricho de comprar um genro branco.

CARLOS.

Isso é uma infamia.

JOSÉ.

Ei; mas seu pae acreditou nella.... Conhecia-o menos do que eu. Dizem mais, que esta creança é minha filha, e que nasceo de um amor illegitimo entre escravo e senhora.

CARLOS.

Mas é uma calumnia....

JOSÉ.

Ei; mas seu pae incumbio-se de dar-lhe desenvolvimento.

Dizem, enfim, que o Sr. rebaixa-se e degrada-se, realizando uma união desigual. Estas *agradáveis* novas veio-as seu pae contar a Angela para que ella renunciasse sua mão . . .

CARLOS.

Então, era por isso que se oppunha ao meu casamento?

LUIZ.

Sim era

JOSÉ.

Agora, tenham paciencia; eu vou desmanchar esse castello de infamias tão adrede preparado para impedir a tua felicidade, Angela. Oução-me. Reclamo especialmente a sua attenção, *Sr. Luiz da Cunha*. Foi n'uma noute tormentosa. O espaço era uma cataracta immensa a se derramar impetuoza na face da terra. Dous homens embriagados, um mais do que outro, penetrarão n'uma caza miseravel na Bahia, em que uma mulher, moça, bella, mas gasta pelo soffrimento, acalentava n'um berço uma creancinha, sua filha. Um delles, era o pae da creança. Depois de insultarem a pobre mãe, de cobril-a de baldões e de injurias, houve um que tentou esvergalhal-a, porque ella, n'um impeto de sua dignidade offendida, chamara-o de bebado. Lembra-se, *Sr. Luiz da Cunha*? Já lá se vão quasi vinte annos.

LUIZ.

Sim me parece

JOSÉ.

Na occasião em que o chicote estava prestes á cahir sobre a face da victima, appareceu um homem, que ainda pode impedir a consummação de semelhante attentado. Esse homem

LUIZ.

Era o senhor

JOSÉ.

Vejo que tem boa memoria: era eu. E um dos bebados

LUIZ.

Senhor

JOSÉ.

(Com força.) Era o senhor

LUIZ.

Veja que me insulta.

JOSÉ.

Não; era naquelle tempo extravagancias de rapaz, ao

tem que fosse cazado e já tivesse um filho. Alfredo de Magalhães era o nome de seu companheiro; assim se chamou pae, Angela. Alfredo de Magalhães ouzou chamar-me amante da mãe de sua filha, porque era eu quem, no seu abandono, no esquecimento com que elle a *distinguia*, levava a mulher, que elle perdera, o alimento de todos os dias, soffrendo eu as maiores privações. Mas . . . infelizes que são! . . . Não conhecião elles os élos sublimes que me levão áquella santa. Fique-o sabendo, Sr. Luiz da Cunha, quem todos sabendo que aquella mulher havia arrancado, por uma acção generosa, as algemas do captiveiro dos pulsoes de minha mãe, quando ainda era feliz e o futuro lhe sorria. Eu adorava-a com idolatria, com fanatismo. Alfredo de Magalhães no dia seguinte partio para a Europa, e eu tornei-me escravo, hypothequei as minhas forças, o meu talento, a minha dedicacão á felicidade e ao bem estar de Clara. D'ahi a cinco annos, ella morria, deixando ao meu cuidado esta creança, que eu baptizara com o nome de minha mãe, porque ella dissera-me: Ponha-lhe o nome de Angela, José. Eduquei-a, fiz della o mais que podia, trabalhei, ergui-me da obscuridade, busquei um centro mais vasto para desenvolver a minha actividade, e vim para a corte. Aqui estou, se feliz, se desgraçado, não sei. Esta é a verdade. Agora, que já destrui essa infame cabannia que por ali correo, vão, meus senhores, deixem-me no isolamento do meu lar, que os senhores vierão amar-guardar, bem que ceo talvez abrir-lhes-hei as portas desta casa, para assistirem ao combate que vou travar com os seus detractores. Adeos.

LUIZ.

Sr. José. Vejo que está excessivamente magoado . . .

JOSÉ.

Muito, muito, e peço-lhe de deixar-me só.

CARLOS.

Angela . . . eu voltarei aqui para ser feliz, ou morrer.

Scena 9ª e ultima.

ANGELA E JOSÉ.

ANGELA.

(Cubindo-lhe nos braços.) Meu padrinho!

JOSÉ.

Abraca-me, filha; sim, porque tu és filha do meu co-

ração. Revelei-te, sem o querer, um segredo que eu devia guardar por mais tempo. Não chores!... Deixa que o mundo se revolte lá fóra; breve iremos ao seu encontro. Por ora, encosta-te a este peito, que, enquanto nelle palpitar um coração, podes ficar certa de que pulsa por ti, só por ti.

Fim do primeiro acto.

ACTO 2º

(Salas luxuosas. E' noute.)

Scena 1ª

SILVEIRA, AMARAL, LUIZ E SALUSTIANO.

SILVEIRA.

E' então, Sr. Luiz?

LUIZ.

Então... eu não sei como isto é. O certo é que ella é filha do Alfredo de Magalhães.... não sei se conhece-tão?... um perdido, que foi estudante de medicina na Bahia, onde residia a sua familia. Morreo-lhe a mãe, elle recebeu uma boa *mealhada* e foi desfructal-a na Europa. Lá, bem de pressa achou em que gastal-a e vio-se em pouco tempo miseravel, pobre e o que é mais, deshonorado. Começou então a ser cavalheiro de industria, e as suas gentilezas atrahiu-lhe as *sympathias* da policia. Fugio de Pariz e veio para o Brazil; chegando a Pernambuco, inculcou-se medico e fez, então, como jogador, libertino e até ladrão, jus a uma severa correccão. Prezo, conseguiu evadir-se da cadeia, e, segundo suppõe o jornal, em que li esta noticia, usa actualmente de um nome, que não é seu. Quem sabe mesmo se não estará actualmente no Rio de Janeiro?

AMARAL.

Nada! que bom pae!...

LUIZ.

Já vêem, pois, que não sendo por outro qualquer motivo, eu nunca consentiria em dar a meu filho um semelhante

Alfredo
vlt →

SALUSTIANO.

Uma couza, porém, digo eu; que o que tem de máo o pa
possue o padrinho de bom. Olhe, que um homem d'este
para erguer-se á altura em que elle está, é preciso qu
tenha trabalhado muito.

AMARAL.

Qual!.. E' um embusteiro, que tem muito arrojo
tem sido acoroçoado pela impunidade. Porque estamos n
aqui e porque aqui está tanta gente boa? Não quero cre
que seja pelos bellos olhos do dono da caza; mas é porqu
todos sabemos que, se recusassemos o seu convite, teriam
no outro dia uma descompostura raza no seu pasquim.

SALUSTIANO.

Não é tanto assim; ás vezes, ou quazi sempre, elle d
bem boas verdades.

AMARAL.

Tu o defendes, não sei com que interesse. Quem sab
se queres conquistar-lhe a filha? Repara que já não está
muito moço para isso.

SILVEIRA.

Não; é que o Salustiano pretende encaixar-se na re
dacção do tal jornal, como collega do pae José. Quanto
querer cazar com a menina desiste d'isso, que o Arnaldo
jurou-nos hontem que só a elle pertenceria.

LUIZ.

Quem é esse Arnaldo?

SILVEIRA.

Não conhece? ...pois não sabe o que perde. E' um amigo
nosso. Um homem muito distincto e illustrado, que anda
viajando. Sabe anedotas para contar um anno inteiro sem
nunca se calar. Chegou ha pouco tempo e é meu hospede
actualmente. Anda a esta hora pelo salão a fazer diabru
ras. Olhem que não é muito moço; mas de tal modo con
versa, e é tão elegante, que faz com que a gente esqueça
a sua idade para que só se lembre da sua graça.

LUIZ.

Então vou ver se o encontro. Quero conhecê-lo. (*Sahem*.)

Scena 2ª

OS MESMOS MENOS LUIZ.

AMARAL.

Então, o maganão jurou que havia de fazer a conquista
de Angela? Oh! Deos permitta. Só assim verei decahido

o orgulho d'aquella *quartã*, que não se conhece bastante
para pretender ter vaidade e imposturas.

SALUSTIANO.

E's inclemente, Amaral. Agora mesmo acabas de ouvir
dizer ao nosso amigo Luiz que Angela não é filha de José,
e teimas em dar-lhe um nome menos merecido.

AMARAL.

Eu cá não sou homem de minudencias. Quem a sus
tenta, quem lhe bóta a benção de manhã, á tarde e á noute?
Logo, quem não quer ser lobo não lhe vista a pelle.
Ho agora o pae velho em dar bailes e saráos todas as se
manas. Intenta talvez deslumbrar com o seu luxo algum
lauto que lhe pretenda a filha... E' doudo.

SILVEIRA.

Eu penso como tu, e por isso estou impaciente que
chegue o momento de applaudir os triumphos de Arnaldo.

SALUSTIANO.

Já os comprehendi. Vocês fizeram a côrte a Angela,
tanto repellidos e querem vingar-se; acharão que esse Ar
naldo é um excellente instrumento e atirão-n'o como *gato*
morto á cara da pobre menina. Queira Deos não se vejam
logrados no final.

AMARAL.

Tu és um tolo!

SILVEIRA.

Não; um idiota!

SALUSTIANO.

Esses titulos, meus caros, considero-os para mim sum
amente honrozos, desde que me sejam conferidos por vo
cês; porque d'esse modo se demonstra que eu não sou
salustario nem com as doutrinas que pregão, nem com as
acções que praticão.

SILVEIRA.

Vem gente. Retiremo-nos... o pae José é muito des
confiado. (*Sahem*.)

Scena 3ª

JOSÉ E LUIZ.

JOSÉ.

(*Seguindo Luiz oppressadamente*.) Sr. Luiz, viu esse ho
mem, esse tal Arnaldo, que ahi anda no salão?

LUIZ.
Sim; vi....

JOSÉ.
Diga-me: examinou-o bem?

LUIZ.
Não, olhei-o ligeiramente; mas pareceo-me conhecer aquella cara. Não me é extranho. Porque pergunta?

JOSÉ.
Porque a mim aconteceu o mesmo que ao Sr.... Conheço aquelle homem. Vi-o.... não sei onde, quando e como.... mas a recordação, que tenho d'elle, é tão profundamente má que sinto repugnancia de encaral-o. Dá-se com elle?

LUIZ.
Não, senhor; sei, porém, por ouvir dizer ha pouco n'esta sala, que é um homem muito illustrado e rico, que viaja por distracção.

JOSÉ.
(Pensativo.) Viaja por distracção... Sabe d'onde veio

LUIZ.
Não.

JOSÉ.
Veja bem o que lhe digo n'este momento. Tenho um funesto presentimento ácerca d'este homem; não lh'o revelarei. Mas se porventura sua memoria, tornando-se mais lucida, chegar a alimentar uma qualquer suspeita, peço-lhe por Deos que a reserve para si. Que horas são?

LUIZ.
Meia noute.

JOSÉ.
Bem; o jornal talvez não tenha ainda entrado para o prélo. Tenho tempo de escrever algumas linhas.

LUIZ.
Mas... diga-me uma couza. Não foi o senhor, quem o convidou para o seu baile?

JOSÉ.
Não, senhor. O Sr. Silveira pedio-me um convite para um hospede e apresentou-m'o esta noute. Queira desculpar-me, porém, eu vou ao meu gabinete. (Sai.)

Scena 4ª

LUIZ (só) depois CARLOS E ANGELA.

LUIZ.

E' extraordinario! Não me posso lembrar e todavia eu o conheço.... eu o conheço.... (vai sahindo pelo lado opposto áquelle pelo qual entrão Carlos e Angela.)

CARLOS.

Afinal, Angela, estamos sós; podemos gozar alguns momentos d'esta soledade para nos entregarmos ás expansões de sentimentos longamente sopitados.

ANGELA.

Sim, Carlos, porque a despeito de tudo quanto se tem passado, dos vexames que hei soffrido, e d'aquellas terriveis palavras de teu pae proferidas n'esta caza ha um mez, sinto que não posso deixar de amar-te. Aproveitemos este instante em que estamos sós e conta-me o que se passou, depois que sahiste de nossa caza naquelle dia funesto.

CARLOS.

Comprehendes quanto foi terrivel a lição inflingida por teu padrinho em meu pae. Uma vez fóra daqui, meu pae não se animava a dirigir-me a palavra, porque a vergonha da situação, em que se achava, lhe tolhia a voz, e porque, afinal, elle é bom e apenas um pouco inconsiderado. Fui eu então quem lhe disse que a nossa situação era insustentavel e que cumpria acabal-a de algum modo. Prometti esquecer o que ouvira de teu padrinho, desde que elle me promettesse deixar-me agir livremente, assegurando-lhe por outra vez nunca contrahir uma união indigna de mim. Elle abjectou-me, contando-me a vida de teu pae, o seu tristissimo nome e eu retruquei-lhe que as culpas dos paes não devem recahir sobre os filhos, e que, a ser assim, tambem eu tinha muito de que considerar-me culpado.

ANGELA.

E enfim?

CARLOS.

E enfim.... Não havia outro remedio senão condescender. Foi o que elle fez. Assim não está talvez longe o dia da nossa felicidade.

ANGELA.

Pela qual eu tão ardentemente suspiro. Já me enfastia esta vida tumultuoza, que levamos de um mez a esta parte.

Não sei que systema de combate é este que meu padrinho planeja contra os seus detractores...

CARLOS.

Não sabes? Eu te explico: Teu padrinho é um character, que aprendeo nas muitas vicissitudes e privações por que tem passado, a ser estoicamente desgraçado. Acha elle um delizioso prazer em ver essa sociedade, que diz desprezal-o, esses homens, que o insultão, virem curvar-se aos esplendores do seu fausto. Ri-se intimamente quando os vê, os parvos, babujando lizonjas, que elle recebe de rosto erguido e fronte altiva.

ANGELA.

Mas, olhe que elle se arruina, Carlos!....

CARLOS.

Isso lhe disse eu, e elle respondeo-me: não tenha medo: para que isso succedesse era preciso que eu não tivesse de assegurar o futuro e a felicidade de Angela.

ANGELA.

Sempre pensando em mim.

CARLOS.

Sempre, como eu....

ARNALDO.

(*Que atravessa o fundo, seguido de Silveira, Amaral e outros convidados, rindo.*) Ah! ah! ah! ah! (*Desapparece na E.*)

CARLOS.

Este homem, este homem! (*Reparando em Angela, que entristececo.*) Entristeceste? Por ventura te cauza este homem a mesma repugnancia que me inspira?

ANGELA.

Não; pelo contrario. Não sei que sentimento de temor, de medo lhe tenho; não sei que poder elle exerce sobre mim, que fujo de encaral-o. E depois... tem-me dito hoje couzas tão extraordinarias!....

CARLOS.

Elle! Pois olha, Angela, não sei, não sei por que, mas tenho a seu respeito idéas singulares.

ANGELA.

Eil-o que volta.

Scena 5ª

OS MESMOS, ARNALDO, SILVEIRA, AMARAL E JOSÉ (*na porta com olhar investigador*), CONVIDADOS &c. &c.

ARNALDO.

Illustre cavalheiro, V. Sª rouba ao salão a rainha da festa e nós vimos reclamar-a em nome de todos os convidados.

CARLOS.

V. Sª engana-se. Alongando um pouco o nosso passeio por esta sala, aqui descansavamos das fadigas do baile, e tanto não tive eu a intenção deliberada de occultal-a ás vistas dos mais convidados que estavamos aqui bem viziveis, quando V. Sª por ali passou. Por signal que ria ás gargalhadas.

ARNALDO.

E' verdade. Ria-me de uma declaração de amor, que acabara de ouvir fazer.

CARLOS.

Ah! sim?

ARNALDO.

Sim; ora eu, não sei se já sabe, tenho um pensar extremamente extravagante ácerca de todos os homens, que vivem pelos salões a fazer declarações amorozas ás moças bonitas.

CARLOS.

Tudo que é extravagante é curiozo. Diga, pois, o que pensa d'esses homens?

ARNALDO.

Quer que eu diga? Olhe que eu tenho muito medo de ter susceptilidades.

CARLOS.

Diga, sem susto....

ARNALDO.

Se me assegura que não ha aqui nenhuma que se possa chocar....

CARLOS.

Não, não ha.

ARNALDO.

Então, lá vae. Penso que todo o homem, que faz declarações de amor, é.... é tolo!....

CARLOS.

(*N'um impeto de raiva vae atirar-se para Arnaldo, que lhe tem voltado as costas.*) Senhor...

ARNALDO.

(*Voltando-se.*) O que é, chamou-me?

JOSÉ.

(*Que tem puchado Carlos.*) Ah! ah! ah! fui eu, senhor.

ARNALDO.

Arnaldo de Mattos, um seu criado.

JOSÉ.

Sr. Arnaldo, quem o chamou, porque tendo ouvido o gostado immenso da opinião que emittio, com a qual proveu ter grande pratica do mundo e conhecimento inconteste da sciencia sociologica, quizera perguntar-lhe: — e que pensa o senhor d'aquelles, que frequentão os salões para pregar uma moral pernicioza, pôdre e corrosiva?...

ARNALDO.

Parece que não se refere a mim?

JOSÉ.

(*Com hypocrisia.*) Meu Deos!... Certo que não.

ARNALDO.

Penso que esses ao menos tem o mérito de se mostrarem taes quaes são. Está contente?

JOSÉ.

Inteiramente. (*Toca a musica dentro.*) E tanto que em agradecimento offereço-lhe um par para esta quadrilha. (*Indicando Angela.*) Aqui o tem.

ARNALDO.

Muito agradecido. (*Offerecendo o braço a Angela.*) Minha senhora... (*Sahe acompanhado dos outros. Silveira e Amaral ficão á porta olhando para o salão e rindo.*)

Scena 6ª

OS MESMOS MENOS ARNALDO E ANGELA.

JOSÉ.

(*A Carlos que tambem vae a sahir.*) Onde vae?....

CARLOS.

Eu... Eu...

JOSÉ.

Vacilla? Prohibo-lhe que siga aquelle homem.

CARLOS.

E porque? Não vio que intentou ridicularizar-me?

JOSÉ.

Porque aquillo é o epilogo de um grande crime. É uma expiação que começa.

CARLOS.

Como?

JOSÉ.

Cale-se. Venha commigo. (*Sahem.*)

Scena 7ª

SILVEIRA E AMARAL.

SILVEIRA.

E, então, que me dizes do Arnaldo?

AMARAL.

Que é de um arrojo inqualificavel.

SILVEIRA.

O certo é que elle vae ganhando terreno ao basbaque de Carlos da Cunha.

AMARAL.

Viste como elle o provocou?

SILVEIRA.

Aquillo tambem foi de mais.

AMARAL.

Qual de mais, nada! O que eu quizera poder adivinhar das intenções de Arnaldo.

SILVEIRA.

Ora, ora, que innocente que tu és.... Pensas talvez que elle queira cazar?

AMARAL.

E que mais?

SILVEIRA.

Pois, então: Arnaldo, um homem rico, que, segundo elle mesmo o diz, fez voto de celibatario, vae-se lá amarrar aquella mulher: — pupilla, ou couza que o valha de um voto?

AMARAL.

Mas então o que pretende elle?

SILVEIRA.

Ingenuo! Então não sabes?

AMARAL.

Palavra, que não.

SILVEIRA.

A mulher, como mulher, mais nada.

AMARAL.

Sim? Mas isso é de um atrevimento....

SILVEIRA.

Ah! elle lá sabe botar a canga aos bois.

AMARAL.

Oh! mas essa vingança, que tu affagas na mente, é horrível!

SILVEIRA.

Salta fóra, bobo! . . . Pois tu não vês logo que o faço com segundas tenções? Ignoras que as couzas publicas pertencem a todos? e que consummado o acto por Arnaldo elle assume consequentemente a responsabilidade e nós podemos

AMARAL.

Ah! é isso?

SILVEIRA.

De certo. (*Vão sahindo de braço e encontraõ Luiz da Cunha.*)

Scena 8ª

OS MESMOS E LUIZ DA CUNHA.

AMARAL.

Então, Sr. Luiz, já vio o nosso homem?

LUIZ.

Já, sim.

SILVEIRA.

E que tal o acha?

LUIZ.

Deliciozo.

AMARAL.

Breve ha de achal-o sublime, quando eu o apresentar. Fica por aqui?

LUIZ.

Sim; vou descansar um poucachinho.

AMARAL.

Então, até já. (*Sahem.*)

Scena 9ª

LUIZ (*só*) depois CARLOS.

LUIZ.

Não sei, por mais que queira lembrar-me . . . E' uma idéa vaga, confuza . . . (*Senta-se pensativo no sophá.*)

CARLOS.

(*Entrando, ao pae.*) Ainda bem que o encontro . . . Conhece por ventura, meu pae, Arnaldo de Mattos?

LUIZ.

E' celebre. N'elle estava eu pensando agora mesmo. Acho uma reminiscencia

CARLOS.

Oh! que ninguem o conheça. E' rico, chama-se Arnaldo, viaja por passeio, eis tudo quanto se sabe. Receio muito d'esse homem; não sei que presentimento me diz que elle ha de ser-me fatal.

LUIZ.

Porque?

CARLOS.

Porque? Porque, sem o conhecer, aborreço-o, odeio-o e seria capaz de matal-o si se me offerecesse occasião de fazel-o lealmente. Sabe de uma couza? — Esta vida não posso supportar mais. Que me importa a mim o preconceito, a sociedade, o mundo, a propria razão? Desprezo tudo; volto costas a essas conveniencias mesquinhas, a esses imobéis deveres, que a opinião publica prescreve, e digo: vou cazar; Angela será minha mulher dentro em poucos dias.

LUIZ.

Estás louco, Carlos? Teimas em unir-te á essa mulher? A filha de um criminozo, um reprobo social?

CARLOS.

Sim, um criminozo, um reprobo social, que foi seu complice e seu amigo.

LUIZ.

Fazes d'este segredo, que te confiou José, uma grande coisa com que me bates todas as vezes que se falla d'este casamento. E' certo que errei; confesso. Eu era cazado com uma mulher boa e bella e tinha um filho de seis annos: vias tu. Mas arrastado pelas más companhias, tornei-me por instantes máo marido. Mas, bem o sabes, uma vez livre de Alfredo, embarquei para esta cidade, onde parece que a força de arrependimento e de trabalho tenho conseguido vencer as minhas culpas passadas. Reflecte, filho. A paixão te cega.

CARLOS.

Já reflecti. Reconheci que já não sou uma criança, sou um homem, um homem, que deve e póde regular-se por si mesmo, que está completa e legalmente emancipado, que tem o direito de desprender dos pulsos os élos da cadeia do lar domestico.

LUIZ.
E o nome de tua familia?

CARLOS.

E que me importa o nome da familia? Deixarei o nome de Carlos da Cunha e tomarei outro qualquer, ainda que seja o de Carlos de Magalhães....

LUIZ.

Carlos....

CARLOS.

Estou decidido, mas definitivamente decidido.

LUIZ.

Devo, então, acreditar que endouceceste?

CARLOS.

Não; deve antes acreditar que eu sou um desgraçado
(*Sabe. Luiz acompanha-o. A quadrilha começa dentro.*)

Scena 10ª

ARNALDO E ANGELA.

ANGELA.

Mas, senhor, repare que a quadrilha começa....

ARNALDO.

Não importa: prefiro antes conversar a sós com V. Ex.

ANGELA.

Mas, senhor....

ARNALDO.

Não tenha receio; tenho a exterioridade um pouco brusca mas creia que no fundo sou uma boa alma.

ANGELA.

(*Sempre de olhos baixos.*) Eu creio....

ARNALDO.

O meu interesse não era o dansar com V. Exª; além de que sou pouco amante da dança; entendo que ella não é senão um pretexto para conversar a gente mais á vontade com as pessoas de quem gosta.

ANGELA.

Senhor....

ARNALDO.

Aprendi isto com V. Exª e o Sr. Carlos.

ANGELA.

Mas, o que tem a dizer-me, conhecendo-me apenas de hoje....

ARNALDO.

De hoje! Engana-se, minha senhora....

ANGELA.

Como, pois me conhece ha mais tempo?

ARNALDO.

Sim....

ANGELA.

D'onde?

ARNALDO.

Olhe, assim: Fui uma noute ao theatro lyrico. Aborrecido já de ouvir cantar, comecei a percorrer com o binoculo os camarotes. Ha quinze dias mais ou menos. N'um d'elles, da segunda ordem, estava V. Exª. Era um primor de graças e encantos. Ao vê-la não sei que echos adormecidos da minha alma se acordarão e vibrarão um som, que todo me elevou. Eu vi em V. Exª não sei que vaga recordação da minha mocidade, que me exaltava o espirito. Isto em mim natural. Não sei si devido á diversidade de terras que tenho visto, si a esta vida aventureira que levo, a minha memoria tornou-se de uma rebeldia inacreditavel. Póde ser que a conheça de mais tempo; tenho isso quizi como certo.

ANGELA.

Porém....

ARNALDO.

Vel-a assim, tão moça, tão bella, tão cheia de attractivos, foi dedicar-lhe desde logo um amor doudo, illimitado, fructivo.... Oh! mas note: um amor capaz de todas as extravagancias, de todas as loucuras. Segui-a desde então com a tenacidade que caracteriza todos os meus actos. Todos os dias via-a, e quanto mais a contemplava, mais sentia estender-se-me no peito as raizes d'esse amor.

ANGELA.

Faz-me medo....

ARNALDO.

(*A parte*) Ainda bem. (*Alto*) Soube quem era, tive noticia d'este baile e envidei todos os meus esforços para obter um convite. Obtive-o. Como Cesar, cheguei, vi.... mas falta-me vencer. V. Exª tinha disposto de seu coração.

ANGELA.

Sim... inteiramente.

ARNALDO.

Inteiramente.... Não seja tão cruel, minha senhora hade por força existir n'elle um canto, um escaninho secreto,

em que eu possa moralmente caber. Eu venho pedir-lhe uma esmola, mas uma esmola de amor.

ANGELA.

Ouvi-o ha pouco classificar de tolos...

ARNALDO.

Os que fazem declarações de amor... Eu não sabia o que dizia, era o ciume, o despeito, a raiva que fallava por mim.

ANGELA.

Mas... quem o autorizou a ter ciumes de Carlos?

ARNALDO.

Ninguem.

ANGELA.

Então...

ARNALDO.

Então...

ANGELA.

Já vê que a declaração do seu amor, senhor, é não só inaceitavel, mas até offensiva.

ARNALDO.

N'esse cazo repelle-me?

ANGELA.

(Tremula.) Sim...

ARNALDO.

(Rindo) Ah! ah! ah! V. Ex^a não sabe o que faz. Não imagina que inimigo eu sou. Jurei que só a mim pertenceria e hei de cumprir esse juramento, custe o que custar.

ANGELA.

Não, é impossivel...

ARNALDO.

Impossivel! Arnaldo de Mattos é como Napoleão I^o minha senhora, não conhece os impossiveis. Está costumado a aplanar todas as difficuldades, a superar todas as barreiras.

ANGELA.

(Com medo.) Senhor... deixe-me ir embora....

ARNALDO.

Não; vae sahir d'aqui commigo depois de me ouvir ainda um instante. Vê este vidro? Trouxe-o da Europa é um veneno oriental, rapido como o relampago, terrivel como o raio. Se alguma pessoa, além de nós dous, souber do que aqui se passou, ainda que seja seu padrinho, juro

que me vingarei. A vida de Carlos me responderá pelo seu silencio.

ANGELA.

Ah!

ARNALDO.

Promette nada dizer?

ANGELA.

Prometto... sim... prometto.

ARNALDO.

Agora, vamos ao salão.

Scena 11^a

OS MESMOS, JOSÉ E SALUSTIANO.

JOSÉ.

Então, aqui é que dansão a quadrilha?

ARNALDO.

Não, senhor; para lá nos dirigiamos. Sua afillhada teve a bondade de vir ao seu toucador endireitar a *toilette*. Não foi, minha senhora? (*A' parte á ella*) Diga que sim.

ANGELA.

Foi... sim...

JOSÉ.

(*A' parte.*) Céos!... aquella voz tremula... aquellas felizes...

ANGELA.

Senhor, se me desculpasse; eu precisava fallar a meu padrinho.

ARNALDO.

Pois não. (*A' parte á ella*) Nem uma palavra.

JOSÉ.

Vão, meus senhores, a dansa os espera. Vão divertir-se. Vou saber o que quer Angela.

ARNALDO.

Então, até logo. Vamos. (*Sahem.*)

Scena 12^a

JOSÉ E ANGELA.

JOSÉ.

Que te disse este homem, Angela?

ANGELA.

Nada, meu padrinho.

JOSÉ.
Impossível! Tu me enganas. (*Angela chora.*) Tu choras! o que tens?!

ANGELA.
Medo... tenho medo d'elle.

JOSÉ.
Medo!

ANGELA.
Sim... Quem é este homem?

JOSÉ.
Quem é? Amanhã o saberemos.

Fim do 2º Acto.

ACTO 3º

(*A mesma sala do 1º acto.*)

Scena 1ª

JOSÉ, depois ANGELA.

JOSÉ.

(*A secretaria, com um jornal na mão.*) Este plano não pode falhar. Se realmente, como penso, este homem é Arnaldo de Magalhães, elle se trahirá. Desde que o vi não pude-me conhecê-lo. E' que a sua imagem nunca me ficou da memoria; é que tal qual como eu o imaginava elle me appareceu. Guardemos o jornal para occasião oportuna.

ANGELA.

(*Entrando.*) Ah! estava aqui, meu padrinho?

JOSÉ.

E' verdade. Esperava-te.

ANGELA.

A mim?

JOSÉ.

Sim, a ti.

ANGELA.

E' para que?

JOSÉ.

De' mais que m'o negues, por mais que o sustentares, o medo que tens a Arnaldo tem por força uma origem. Elle disse-o alguma cousa.

ANGELA.

Não...

JOSÉ.

Oh! se disse! De que forma, a não ser assim, por ter entrada em teu espirito esse temor absoluto por um homem que te é inteiramente extranho?

ANGELA.

Não sei, padrinho; o que sei é que desde a primeira vez que o vi, esse homem inspirou-me um receio, misto de repugnancia e de respeito, que eu propria não sei explicar.

JOSÉ.

(A' parte.) E' a voz do sangue que falla.

ANGELA.

Ha nos seus olhos um brilho sinistro que me domina sinto sobre mim a oppressão do mysterioso poder que domina. Quero reagir, quero tirar de sobre meus hombros o manto pezado dessa superioridade que me afflige . . . Não posso, não posso.

JOSÉ.

E' extraordinario, é, filha; mas conto que dentro de breve saberás quem é esse homem e esse receio todo dissipará. Devo confessar-te que a mim, como a ti, Arnaldo causou uma impressão profunda, que tambem me apouca e encommoda. Agora, ouve: Na experiencia que vou ter é possivel que tenha alguma vez de fallar no nome de teu pai, e peço-te de não dar nenhum signal de agitação.

ANGELA.

Mas que relação ha entre esse homem e meu pai?

JOSÉ.

Nenhuma, senão esta: desconfio que Arnaldo foi intimido amigo de Alfredo e se assim fôr elle se trahirá na prova que vou submettel-o, e tel-o-hei conhecido.

ANGELA.

Bem, padrinho, farei o que deseja.

Scena 2ª

OS MESMOS E ARNALDO.

ARNALDO.

Dão licença?

ANGELA.

(A' parte.) Elle!

JOSÉ.

(A' parte.) Tão cedo! (alto.) Queira entrar.

ARNALDO.

Então como passaram o resto da noite? . . .

JOSÉ.

Bem.

ARNALDO.

O acolhimento bondoso e amigavel que hontem me fizeram n'esta casa deu em resultado que não podesse hoje partir-me ao dezejo de vir agradecer-o.

JOSÉ.

Não tem de que. V. Sª é um cavalheiro distincto que tem direito á consideração de toda a pessoa com quem travar conhecimento.

ARNALDO.

Obrigado. Isso é um cumprimento tanto mais agradável, quando é certo ter sido proferido por um homem que, segundo affirmão e eu creio, não diz senão a verdade.

JOSÉ.

(A' parte.) E' pouco modesto!

ARNALDO.

Então, minha Sñrª, ficaram-lhe gratas recordações da festa d'esta noite?

ANGELA.

Bem . . . ficaram

JOSÉ.

Não dizes a verdade, Angela. (para Arnaldo.) As recordações que lhe ficaram são de certo bem penosas, porque hoje todo o dia não tem cessado de estar triste e até de chorar.

ARNALDO.

(indo.) Ah! ah! ah! é extraordinario. Pois, minha Sñrª, não quero constrangel-a a fazer-me testemunha dos seus secretos pezares . . . Eu conversarei com seu padrinho.

JOSÉ.

Vae, Angela; o Sr. Arnaldo permite. (Angela faz um bacio acenando.) Ah! de cabeça e sae.)

Scena 3ª

JOSÉ E ARNALDO.

JOSÉ.

Pois . . . Sr. Arnaldo, agora que estamos sós, conversemos um pouco.

ARNALDO.

Sem duvida; sempre gostei da conversação dos homens illustrados . . . instrue.

JOSÉ.

E eu sempre apreciei a de todos os homens que têm viajado muito . . . recreia. Todavia, queria dizer-lhe uma cousa. Eu lembro-me de tel-o visto não sei onde; mas vi-o, com certeza.

ARNALDO.

Impossivel! . . . Nunca sahiu do Rio de Janeiro?

JOSÉ.

Residi muito tempo na Bahia.

ARNALDO.

(A' parte.) Na Bahia! Desconfiará elle? (alto.) Ha quantos annos?

JOSÉ.

Ha . . . vinte annos seguramente . . .

ARNALDO.

Não; impossivel. A primeira vez que estive na Bahia foi ha trez annos.

JOSÉ.

Então, estarei enganado; mas, Sr. Alfredo . . .

ARNALDO.

(A' parte.) O meu nome!

JOSÉ.

(A' parte.) Estremeceu. (Arnaldo disfarçando, procura em redor de si.) O que procura? . . .

ARNALDO.

O Alfredo a quem V. Sª se dirigio . . .

JOSÉ.

Ah! eu disse Alfredo . . . esta cabeça! . . . Culpar; eu queria dizer — Sr. Arnaldo. Já foi á Europa? (A parte.)

ARNALDO.

Seguramente; ja lá estive duas vezes.

JOSÉ.

Então, que tal a acha?

ARNALDO.

Acho que aquillo é o unico céo em que eu creio.

JOSÉ.

Então, gosou muito em suas viagens?

ARNALDO.

O quanto podia. Póde-se dizer que gastei-me para os prazeres e gózos da vida. Não imagina. Desfructei tanto, tanto, que a minha memoria é hoje um cháos. Da minha vida passada tudo me parece indistincto e confuso. E' como se eu estivesse a ver todos os factos atravez de um vidro ondeado, dos que se usão nas portas dos cafés.

JOSÉ.

Com effeito! Então tinha sêde de gózos.

ARNALDO.

Tinha, de certo. Era um ancisar louco, um soffrego desgar. Mas, afinal, veio o cansaço, a satisfação, a saciedade em toda a sua plenitude.

JOSÉ.

Mas, Sr. Alfredo . . .

ARNALDO.

Arnaldo . . . se me faz favor . . .

JOSÉ.

Mas, Sr. Arnaldo, isso que lhe acontece é realmente uma desgraça. Segue-se, do que me diz, que hoje é um homem moralmente morto?

ARNALDO.

Certamente . . .

JOSÉ.

E um homem que morre moralmente, deixa de ser uma pessoa para ser uma . . .

ARNALDO.

Uma cousa. Eis o que eu sou . . . nada mais.

JOSÉ.

Ah! Sr. Alfredo . . .

ARNALDO.

Ainda Alfredo, é demais!

JOSÉ.

Oh! Sr.! Como eu estou! E' devido isto a uma leitura que fiz ha pouco.

ARNALDO.

Leitura, de que?

JOSÉ.

De um jornal. Ora ouça.

ARNALDO.

Não . . . dispenso . . .

JOSÉ.

Perdão, já agora quero provar-lhe que não tinha intenção de trocar o seu nome e que só o fazia influenciado pela leitura. Ouça (*lendo*): „A policia procura activamente segundo nos consta, um certo cavalheiro de industria, que depois de ter feito innumeradas gentilezas em Pariz, emigrou para Pernambuco, onde, dizendo-se medico, commetteu muitos crimes, entre elles um caso de envenenamento. (*Está lendo e observa Arnaldo que se mostra indifferente*) Processado e preso, conseguiu evadir-se da cadeia e dizer estar actualmente homisiado n'esta cidade, onde se apresentou com um nome supposto, sendo o proprio . . . Alfredo de Magalhães. Fazemos votos para que sejam coroadas de feliz exito as diligencias da policia.“

ARNALDO.

Realmente, é um criminoso importante. Mas não vejo em que possa interessal-o.

JOSÉ.

E' que eu o conheci.

ARNALDO.

(*Levantando-se rapidamente.*) Conheceu-o! . . .

JOSÉ.

Sim . . . (*frisando*) mas, de certo, se o visse hoje não o reconheceria.

ARNALDO.

(*A' parte.*) Respiro. (*Alto.*) Eu, por mim, faço os mesmos votos do redactor d'esse jornal.

JOSÉ.

E' porque, como eu, adora a justiça e deseja ver castigados todos os culpados.

Scena 4ª

OS MESMOS, ANGELA, depois CARLOS.

ANGELA.

Está ahi o Sr. Carlos, padrinho.

CARLOS.

(*Entrando.*) Meus senhores e minha senhora . . .

JOSÉ.

Por aqui, Sr. Carlos?!

CARLOS.

E' verdade. Venho fazer-lhe um pedido muito sério.

ARNALDO.

Então, queirẽo desculpar-me . . . eu me retiro.

CARLOS.

Perdão; pôde ficar, peço até.

ARNALDO.

N'esse caso (*sentão-se*).

CARLOS.

Eu José. Sabe desde quando amo D. Angela, e este amor não preciso dizer-lhe tambem que é a minha vida. Lutei lutado, como sabe, contra mil difficuldades. Pois superarei-as todas e venho pedir-lhe a realização das minhas mais ardentes aspirações, dos meus mais queridos desejos.

ANGELA.

(*A' parte.*) Meu Deos! . . .

ARNALDO.

(*A' parte.*) Vai a galope. E' preciso tambem que me

JOSÉ.

Então, seu pai?

CARLOS.

Meu pai não podia deixar de ser condescendente. Compreende que só posso ser feliz unindo-me áquella a quem amo. Peço-lhe, pois, a mão de D. Angela.

ARNALDO.

Ah! ah! ah! . . . ah! ah! ah! . . .

CARLOS.

(*Voltando-se rapido.*) De que se ri? . . .

ANGELA.

(*A' parte.*) Aquelle rizo! . . .

ARNALDO.

Ah! ah! ah!....

CARLOS.

Eu exijo uma explicação d'esse rizo.

ARNALDO.

Por Deus! tenho notado que o senhor é muito amado, e apresso-me em dar-lhe a explicação que exige. Não me por lembrar-me que ainda hontem brincava com o senhor e D. Angela, muito longe de pensar que estava para casar. E para não constrangel-os mais, retiro-me. (A' parte.) Para voltar d'aqui ha pouco. (Alto.) Meus senhores! (sahe.)

Scena 5ª

JOSÉ, ANGELA E CARLOS.

JOSE.

(Para si.) Vai-te, que eu já te conheço. E a tua punição começa. (A Carlos.) O seu pedido satisfaz meu coração e creio que ao de Angela. Ella, porém, não lhe responda. Eu vou mandar vir luzes, que a noite chegou. (Sae.) (Pouco depois entra um criado com luzes.)

Scena 6ª

CARLOS E ANGELA.

CARLOS.

Então, Angela, o que diz ao meu pedido?

ANGELA.

Eu... Carlos, digo que elle realiza todas as minhas ambições...

CARLOS.

Então, accede... Era quasi escusado perguntar-lhe.

ANGELA.

Sim... mas seu pai; aquellas palavras que me disse.

CARLOS.

Meu pai não é mais um obstaculo.

ANGELA.

Porém, tanta precipitação...

CARLOS.

Angela, faz-me desconfiar...

ANGELA.

Não... é que eu não estou preparada... Quizera um praso para reflectir...

CARLOS.

Muito bem!... Ha um mez que me arguia, porque eu demorava este casamento, e então duvidava do meu amôr, e fazia-me récriminações penosas, e attribuia-me intenções que eu não tinha... Que quer que eu pense hoje desta sua indecizão?

ANGELA.

Carlos...

CARLOS.

Sim, era esse o premio que eu devia esperar da minha dedicação e dos meus esforços. Realmente: lutar com a sociedade, com a columnia, com a razão, com a familia, para chegar a este resultado, e achar no fim de tudo um desengano cruel e esmagador! Ria-se de mim, Angela, ria-se, que bem mereço o seu escarneo. Eu fui um louco, que se deixou levar pela sua perfidia e pelo seu mentiroso amôr. Não me parecia impossivel que as mulheres fallassem verdade... (como para sahir).

ANGELA.

Carlos, olha que me matas...

CARLOS.

(Descendo, como tocado de uma idéa.) Ah! já sei tudo... O motivo. O motor de toda esta desgraça é esse homem, que d'aqui saho... Esse homem, cujo riso me traz á idéa do rugido da féra. Angela, tu amas esse homem? Oh! dize, não, que não?...

ANGELA.

Não, Carlos, não...

CARLOS.

Mas, todavia és influenciada por elle?

ANGELA.

Não... Não... exerce sobre mim um poder que eu não entendo, mas, só a ti amo, Carlos, só a ti...

CARLOS.

Ah! elle é isso... Pois bem; eu vou procural-o e se para ser feliz fôr preciso commetter um crime, Arnaldo morrerá... (Vai pegar no chapéo ao fundo.)

ANGELA.

Carlos, Carlos, por Deos!...

CARLOS.

Adens. (sahe.)

Scena 7ª

ANGELA, depois JOSÉ.

ANGELA.

(Encostando-se ao portal.) Meu Deus . . . Onde irá o
(Ao padrinho que entra.) Meu padrinho, siga-o, siga-o . . .

JOSÉ.

(Assustado.) A quem, Angela?

ANGELA.

A Carlos!

JOSÉ.

Porque?

ANGELA.

Sahio d'aqui desesperado, porque eu lhe pedi algum
tempo de espera e receio que commetta uma loucura.

JOSÉ.

Mas, porque lhe pediste semelhante cousa?

ANGELA.

Não m'o pergunte agora, siga-o . . . salve-o . . .

JOSÉ.

Bem, eu vou! (Sahe.)

ANGELA.

Meu Deos! Como eu sou desgraçada! . . . (sahe.)

Scena 8ª

(A scena fica deserta por alguns instantes.)

ARNALDO, SILVEIRA E AMARAL.

ARNALDO.

Safa! custou a sahir o pai velho.

SILVEIRA.

E' verdade, e o Carlos sahio poucos instantes antes
como um doudo . . .

AMARAL.

Sim?

SILVEIRA.

Quando vocês entretiveram-se, não sei em que, no
terrior do hotel e me deixaram de espreita, vi-o sahir agitado
e entrar em casa.

ARNALDO.

Bem, vão collocar-se no mesmo lugar. Se por ventura
entrar mais alguem e ouvirem altercação, aproxima-
m-se e entrem.

AMARAL.

Inteirados.

ARNALDO.

Agora deixem-me só . . . (Sahe os dous.)

Scena 9ª

ARNALDO.

(Só, cerrando cuidadosamente a porta por onde sahiram
os dous.) Aproxima-se o momento solemne. Estou quasi
doido. Este homem conhece-me e é capaz de denunciar-
me, já não o fez. Pois seja: perdição por perdição; des-
honra por deshonra! Já agora, arremessado na carreira do
tempo, que muito é que junte aos que tenho perpetrado
este? No meu caminho tenho derramado sempre o
sangue . . . eu sou o demonio, talvez. Nunca vacillei na
escolha dos meios para chegar a um fim qualquer, e todavia
agora, n'este sala, só comigo mesmo, quazi a obter o resul-
tado que almejo, tenho medo . . . Não sei que vago temor
me atlige. E' talvez o presentimento de uma desgraça
imminente . . . (Fica pensativo, de repente dá uma gargalhada.)
Ah! ah! ah! . . . Mas que medo é este? Vamos, Alfredo de
Sagalhões, mais um passo para o abysmo.. (Pausa.) Vem
aqui . . . E' ella.

Scena 10ª

ARNALDO E ANGELA.

ANGELA.

(Durando desconfiada.) O senhor! . . . aqui?! . . .

ARNALDO.

E' verdade, minha senhora; que acha n'isso de extra-
ordinario?

ANGELA.

Nada. (Volta como para sahir.)

ARNALDO.

(Impedindo.) Onde vai?

ANGELA.

Retiro-me, bem vê: vou mandar chamar meu padrinho.

ARNALDO.

Mas, se é isso justamente o que eu não quero.

ANGELA.

Como?

ARNALDO.

Digo que não quero que saia e tão pouco que mande chamar seu padrinho.

ANGELA.

Senhor...

ARNALDO.

Vim aqui para fallar-lhe sem testemunhas e fal-o-lhe.

ANGELA.

Porém... eu não quero....

ARNALDO.

(Impetuoso.) Mas... quero eu!... Não, não; perdi a minha senhora: eu peço. E depois deve lembrar-se que prometteu obedecer-me. Eu venho dizer-lhe simplesmente isto: o seu casamento com Carlos não se realizará!...

ANGELA.

E quem o impéde?

ARNALDO.

Quem?... eu!

ANGELA.

Oh! é demais. Abusa de sua força para atormentar-me. E com que direito fará isso que diz?

ARNALDO.

Com o direito dessa mesma força e d'essa superioridade que me reconhece. Porque? Porque a amo, já uma vez o disse, amo-a como um doido: porque jurei que só a mim pertenceria, e hei de cumprir esse juramento.

ANGELA.

Não; o senhor não o cumprirá, porque não terá coragem para espedaçar este coração, para amargar esta existência.

ARNALDO.

E quem suavizará a minha, que consolações existiram para este coração, se por ventura a perco?

ANGELA.

Porém, senhor, eu não o amo...

ARNALDO.

Mas amo-a eu... e é quanto basta. Tinha que amar também, se, depois de terem chegado a este ponto, as nossas relações se abandonasse por mára compaixão.

Não, eu não sou homem de deixar-se levar por sentimentos de mal cabida piedade. Desde que a vi, desde que bebi no calor d'esses seus olhos, todo este fogo de desejos que me abraza, me imbuí de tal forma do pensamento de possuí-la, que d'elle me não posso afastar por mais que deseje. Nunca em minha vida, achei mulher que mais fortemente me atraísse do que a senhora. E' preciso, pois, comprehender, depois d'estas explicações, que será ocioso lutar comigo.

ANGELA.

Tudo isto quanto me diz assombra-me; essas palavras que ali está a proferir, queimam-me os ouvidos e ferem-me dentro d'alma.

ARNALDO.

Vamos, Angela, eu te levarei para bem longe d'esta terra; iremos viver completamente desconhecidos, completamente felizes... Eu te encherei de carinhos, far-te-hei todas as vontades. Viverei para consagrar-te de joelhos uma adoração illimitada. (Quer pegar-lhe nas mãos, ajoelhando-se.)

ANGELA.

Não me toque, senhor...

ARNALDO.

Má que tú és, Angela; céga, que desprezas toda esta ventura que lanço o teus pés! Então, sê compassiva...

ANGELA.

Se se approxima... grito...

ARNALDO.

(Levantando-se impetuoso.) Grite, muito embora, eu terei coragem de fazel-a calar. Ah! estou eu aqui de joelhos, pedindo quando devia impôr?! — Acha-me talvez velho de mais para amar. Eu lhe provarei que aos 42 annos se é mais forte e se ama mais do que nunca. (Quer agarral-a.)

ANGELA.

(Com altivez e dignidade.) Senhor... A victima soffre, soffre, mas, afinal, ou revolta-se contra a crueldade do oppressor ou morre. Eu regeito a morte; preciso viver, para ser feliz. Reajo, porém; affronto o seu poder, o seu diabolico poder, a sua depravação, a sua torpeza, para dizer-lhe: nem mais uma palavra... saia.

ARNALDO.

Ah! o cordeiro quer tornar-se leão? — Não, não quero.

essa tão apregoadá voz da natureza? Por esse teu penhoramento não passou nunca uma scintilla fulgida da verdade. Não havia em ti um sentimento intimo a segredar-te que devias recuar de teus intentos? Desceste á ultima abjeccáo e, como disseste ainda ha pouco, já não és pessoa, és coisa. Vamos, de joelhos.

ARNALDO.

(Que tem estado a lutar consigo mesmo, vai ajoelhando e depois levanta-se e solta uma gargalhada estridente.) Ah! ah!

ANGELA.

Céos!...

JOSÉ.

Está louco, talvez.

TODOS.

Louco!!

JOSÉ.

Sim... No abysmo de ignominia em que se atirou podia encontrar a loucura ou a morte. A morte seria preferivel. Carlos, fui buscar-o á sua casa para entregar-lhe este penhor. E' Angela, ahi o tem. Eu já estou cansado da luta da vida e bem cedo, talvez, ella terá de ficar em desamparo. O fructo dos amores faceis, das uniões illegitimas ali está. *(Indicando Arnaldo, que está abatido e os braços de Luiz e outros.)* Esbravejem contra o casamento, fallem, gritem, calumniem, insultem, mas ao menos não produz elle d'estes factos horriveis de descer um homem a nivelar-se com os irracionaes, porque os paes sabem que têm filhos e os filhos sabem que têm paes. A familia é a felicidade, a ventura suprema, e o casamento é a benção purificadora, o elo que a reune, a fonte de que ella se origina. Vai Angela, sê feliz...

ANGELA:

Não; iremos juntos, padrinho. O senhor é a minha unica familia. Meu pai...

JOSÉ.

(Atalhando.) Teu pai foi um desgraçado, Angela; tua mãe foi uma martyr. Vivi até agora para ti, d'ora em diante hei de viver para adorar a sua memoria!

F I M.